

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A CRÍTICA LUKACSIANA À MANIPULAÇÃO DA VIDA COTIDIANA NO CAPITALISMO: fundamentos teóricos e temas para a pesquisa da realidade contemporânea

Marcos Botelho¹

Marcelo Braz²

RESUMO

O presente artigo elenca categorias e temáticas desenvolvidas por Lukács em sua crítica à manipulação da vida cotidiana no capitalismo. A contribuição teórica lukacsiana constitui-se como um dos pilares para a crítica do capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Lukács, vida cotidiana, capitalismo.

ABSTRACT

This article lists categories and themes developed by Lukács in his critique of the manipulation of everyday life under capitalism. The Lukacsian theoretical contribution constitutes one of the pillars for the critique of contemporary capitalism.

Keywords: Lukács, everyday life, capitalism.

¹ Professor Adjunto da ESS/UFRJ. Doutor em Serviço Social. E-mail: marcospotelho@gmail.com

² Professor Titular do DSS/UFRN. Doutor em Serviço Social. E-mail: reisbraz@gmail.com

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

O domínio dos fundamentos teóricos para a crítica da vida cotidiana no capitalismo é uma exigência para a inteligibilidade da complexa realidade social contemporânea. Neste sentido, o legado da produção teórica de Marx é central. A razão se encontra nos contributos desta obra. Nela estão os fundamentos teóricos que nos permitem analisar, ao mesmo tempo – e necessariamente de modo unitário, indissolúvel –, a vida cotidiana reificada do mundo em que vivemos e os passos evolutivos (e, por vezes, revolucionários) da constituição da vida cotidiana ao longo da história.

Lukács, seguindo a trilha de Marx, remete aos fundamentos ontológicos da vida social (e da vida cotidiana). Trata-se de um conteúdo absolutamente revolucionário: o modo de pensar a vida social (e a vida cotidiana) presente em Marx (revisitado por Lukács). O homem é, para eles, produto de sua própria autoatividade. Os indivíduos e a sociedade não são entidades que pairam no ar, ao contrário, brotam das relações vivas, terrenas, constituem-se na dialética real de suas vidas, à medida em que se reproduzem como indivíduos, que se apropriam das objetivações já criadas e produzem novas.

O maior legado marxiano para a compreensão da vida social deriva de sua análise sobre o funcionamento do modo de produção capitalista: os estudos sobre a estrutura da mercadoria englobam necessariamente uma crítica da vida cotidiana reificada. As categorias de *alienação* e de *reificação*, portanto, são fundamentais para a análise da vida cotidiana na contemporaneidade, pois, como afirma Heller, “quanto maior for a alienação produzida pela estrutura econômica de uma sociedade dada, tanto mais a vida cotidiana irradiará sua própria alienação para as demais esferas” (2008: 58). O pensamento de Marx é a chave para compreendê-las.

O capitalismo monopolista é a fase em que a reificação alcança o conjunto da vida social. É quando “a organização capitalista da vida social preenche todos os

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

espaços e permeia todos os interstícios da existência individual” e “o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado” (NETTO, 1981: 81-82).

2 A CRÍTICA DA VIDA COTIDIANA NO CAPITALISMO MONOPOLISTA

Lukács acompanhou a realidade de transformações econômicas do capitalismo monopolista de um modo geral. Mas não se dedicou a estudar exaustivamente os desenvolvimentos teóricos neste campo³.

Mesmo sem aprofundar sua pesquisa no campo econômico, Lukács esboçou (especialmente em alguns trechos de sua *Ontologia do Ser Social*) uma caracterização das transformações vivenciadas nos países capitalistas centrais no século XX. Sua filosofia (ou ontologia) reafirma que a dinâmica econômica tem papel determinante na vida cotidiana, nas concepções de mundo, na filosofia, na ciência e na arte. Marx só pôde desenvolver uma concepção ontológica do ser social porque compreendeu criticamente a dinâmica do capitalismo. Da mesma forma, uma ontologia marxista no século XX precisava se entender com a crítica da vida econômica dos novos tempos⁴.

³ “Lukács tinha como pressuposto, para que tal renascimento [do marxismo] se operasse com êxito, a elaboração de uma crítica (radical e contemporânea) da dinâmica econômica do capitalismo atual – não poucas vezes, mencionou a premência de construir um O capital do século XX (aparentemente, ele não acompanhava o trabalho de marxistas ocidentais no trato do capitalismo pós-1945, pois chegou a observar nos anos 1960, decerto equivocadamente, que a última análise econômico-política relevante fora a de Lenin, redigida em 1916 e publicada no ano seguinte, O imperialismo, fase superior do capitalismo). Mas tinha também a consciência de que, se essa tarefa lhe escapava, ela não poderia travar seu próprio esforço no plano teórico-filosófico (NETTO in LUKÁCS, 2012: 12).

⁴ Em algumas passagens Lukács procurou avançar nesta seara, como a que transcrevemos abaixo: “Do final do século XIX até hoje está em andamento uma poderosa e rápida capitalização total, uma grande-industrialização de todas essas áreas; desde o vestuário, calçados etc. até viveres, esse movimento pode ser observado em toda parte. A diferença se evidencia palpavelmente, por exemplo, quando se compara o carro enquanto meio de locomoção com o automóvel, a motocicleta etc. Por um lado, acaba a possibilidade da pequena empresa tocada em moldes artesanais; por outro, com a motorização se dá uma multiplicação do círculo de consumidores. Soma-se a isso uma mecanização dos equipamentos cotidianos dos consumidores; máquinas de refrigerar, máquinas de lavar etc. ingressam na maioria das economias domésticas, sem falar de fenômenos como rádio, televisão etc. O rápido desenvolvimento da indústria química – basta lembrar os materiais sintéticos – fez com que desaparecesse em vastas regiões a pequena produção semiartesanal ou totalmente artesanal. E trata-se igualmente de um fato de conhecimento geral que, por exemplo, o sistema hoteleiro tenha se

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

As obras econômicas que Lukács dedicou maior atenção foram as do século XIX e as das primeiras décadas no século XX, especialmente as de Lênin. Sua sólida formação e o conhecimento pleno destas obras, entretanto, possibilitaram-lhe descortinar os vínculos entre a determinação econômica das transformações vivenciadas no capitalismo monopolista e o pensamento social de sua época. Mesmo sem desenvolver uma pesquisa extensa sobre a economia de seu tempo, Lukács foi o teórico que identificou de maneira mais correta a centralidade da vida cotidiana, desvendando importantes determinações econômicas e sociais do capitalismo do século XX.

Na primeira fase do capitalismo monopolista, tanto o pensamento marxista como a filosofia e a sociologia burguesa se voltaram, de maneira renovada, às reflexões sobre a vida cotidiana. A temática ganha destaque no século XX, especialmente após a Primeira Guerra Mundial e, mais explicitamente, no pós-II Guerra.

O turbilhão de mudanças na vida política e cultural neste século provocou um profundo repensar da realidade (teórica e prática) no campo marxista e nos setores progressistas⁵. Um crítico marxista de primeira ordem do cotidiano alienado do pós-guerra foi Henri Lefebvre. De forma contundente, denunciou e revelou os traços mais gerais do que chamou de “sociedade burocrática do consumo dirigido⁶”, tendo percorrido (de 1947 a 1981⁷), entre outros muitíssimos interesses teóricos – a análise

tornado um importante ramo do grande capitalismo, e isso não só no que se refere ao turismo urbano, mas também como surgimento paulatino de uma indústria de férias amplamente capitalizada. A forma mais típica da prestação de serviços não capitalista, o ramo dos empregados domésticos, encontra-se num processo generalizado de desaparecimento. O terreno da cultura também é tomado por esse movimento. Naturalmente havia rudimentos disso já no século XIX. Porém, a dimensão com que jornais, revistas, editoras, comércio e arte etc. se tornaram grandes capitalistas já representa uma mudança qualitativa na estrutura global” (LUKÁCS, 2013: 335-337).

⁵ Como reflexo desta ebulição política assistimos a um aflorar crítico na filosofia marxista: os primeiros passos na crítica ao mecanicismo e debilidade do marxismo da II Internacional, por exemplo. Expressam paradigmaticamente este despertar filosófico do marxismo, por exemplo, além de diversas obras de Lênin (especialmente seus *Cadernos Filosóficos*), a obra *Marxismo e Filosofia*, de Karl Korsch (publicada em 1923), e a *História e Consciência de Classe*, de Lukács (também de 1923).

⁶ Cf. LEFEBVRE, 1969, especialmente o *Capítulo Segundo*, p. 99-152.

⁷ Nas seguintes obras: *Critique de la vie quotidienne* (1947), *Critique de la vie quotidienne II, Fondements d'une sociologie de la quotidienneté* (1961), *Critique de la vie quotidienne, III. De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)* (1981) e *La Vie quotidienne dans*

PROMOÇÃO

APOIO





sistemática da vida cotidiana, alçando a temática a um patamar relevante no debate marxista.

Mas há uma grande diferença entre a interpretação lefebvreana e lukacsiana acerca do cotidiano. Lukács construirá uma teoria da vida cotidiana que leva em consideração a “ontologia da vida cotidiana”: para ele a vida cotidiana é histórica, portanto, exhibe sempre novas dinâmicas, ininterruptamente, mas não pode ser eliminada (ou superada) da (na) vida social. Lefebvre nega o caráter ontológico da vida cotidiana, confundindo vida cotidiana com vida alienada. É por isso que apregoa a necessidade de superação da vida cotidiana. Uma superação que deve ser levada a cabo através de uma “revolução”, que, para ele, se assemelha a um “projeto de renascimento da festa” (LEFEBVRE, 1969: 53). Neste sentido, apesar de sua vasta obra ser uma expressão clara de rechaço ao irracionalismo, neste ponto se aproxima à dos críticos românticos ao capitalismo monopolista⁸.

György Lukács enfrenta diretamente o debate acerca do cotidiano quando se depara com a necessidade de sistematizar sua teoria sobre a peculiaridade do estético. Em sua obra capital dedicada ao tema, sua *Estética* (1963), constrói uma teoria sobre a vida cotidiana como tarefa preliminar ao desenvolvimento de uma estética marxista⁹. Partindo especialmente das contribuições de Hegel e de Marx, e dialogando criticamente com Heidegger, com a teoria existencialista e a psicanálise, assim como com Lefebvre (embora não de forma explícita), Lukács desvela a gênese

le monde moderne (1968). Reunidos, os quatro primeiros, em inglês, em LEFEBVRE (2014). E o último, em edição portuguesa, em LEFEBVRE (1969).

⁸ É o que se vê nesta passagem: “A Revolução toma desde logo (violenta ou não-violenta) um novo sentido: ruptura do cotidiano, restituição da Festa. As revoluções passadas foram algumas festas (cruéis, sim, mas não houve sempre um lado cruel e violento nas festas?). A Revolução possível porá termo à quotidianidade, reinvestindo nela, brusca ou lentamente, a prodigalidade, a dissipação, a explosão dos constrangimentos. A revolução não se define, pois, apenas no plano econômico, político ou ideológico, mas mais concretamente no fim do cotidiano. Quanto ao famoso período de transição, assume mesmo um novo sentido. Recusa o cotidiano e reorganiza-o para depois o dissolver e transformar. Põe termo ao seu prestígio, à racionalidade ilusória, à oposição do cotidiano e da Festa (do trabalho e do divertimento) como fundamento da sociedade” (LEFEBVRE, 1969: 53).

⁹ Sua discípula, Agnes Heller, que tem por base o pensamento do mestre, vai dedicar especial atenção às características e razão de ser da vida cotidiana. Seguindo as pistas teóricas de Lukács, mas com uma interpretação própria, desenvolve sua concepção de cotidiano nas seguintes obras: “Sociologia da Vida Cotidiana” (1970) e “O Cotidiano e a História” (1970). Cf. publicação em espanhol da primeira em HELLER (1987) e edição brasileira da segunda em HELLER (2008).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

da atividade humana própria à vida cotidiana e o comportamento e pensamento específico desta esfera da vida social.

3 A CRÍTICA À MANIPULAÇÃO DA VIDA COTIDIANA NO CAPITALISMO MONOPOLISTA

No campo do pensamento burguês forjado no capitalismo monopolista do século XX, há o encontro do “positivismo com o mundo religioso contemporâneo”: trata-se da extrema radicalização da “razão miserável” que encontra o seu outro lado da moeda no irracionalismo. Houve a exponenciação das características já desenvolvidas na passagem do século XIX para o XX. Lukács descreve algumas importantes inflexões, tais como, 1) “O domínio exclusivo da teoria do conhecimento, o afastamento sempre mais decisivo e refinado de todos os problemas ontológicos do âmbito da filosofia”; 2) “As diversas correntes dessa tendência (empiriocriticismo, pragmatismo etc.) põem de lado cada vez mais resolutamente o valor objetivo da verdade do conhecimento”; 3) “A substituição do conhecimento da realidade por uma manipulação dos objetos indispensáveis à prática imediata ultrapassa nesse ponto o neokantismo”, 4) “Uma tendência geral da época, que em última análise pretende a eliminação definitiva de todos os critérios objetivos de verdade, procurando substituí-los por procedimentos que possibilitem uma manipulação ilimitada, corretamente operativa, dos fatos importantes na prática” (LUKÁCS, 2012: 42-43).

O fenômeno da reificação, como se pode notar, encharca o pensamento burguês da decadência, que se mostra refém e promotor da mistificação, no movimento pendular entre “a evasão irracionalista da 'angústia' e o filisteísmo 'racionalista' da 'segurança'” (COUTINHO, 2010: 64).

Partindo da crítica da filosofia e sociologia burguesa, e baseado na teoria marxiana, Lukács *desenvolve um verdadeiro projeto de pesquisa sobre a cotidianidade*. Para ele, o caminho está aberto à exploração dos marxistas, já que a decadente teoria burguesa não foi capaz de levá-la a cabo com êxito: este projeto

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

passa pelo estudo da contraditoriedade da vida cotidiana, pela crítica das investigações abstratas, epistemológicas ou fenomenológicas, assim como de toda e qualquer “absolutização e idealização do passado, do presente ou de ambos” e deve ter como pressuposto “uma consideração histórica dos modos de manifestação relevantes da cotidianidade capitalista e, ao mesmo tempo, uma certa compreensão da direção real do processo histórico em seu conjunto” (LUKÁCS, 1966: 69-70). Segundo ele, a “reação romântica segue dominando hoje – aberta ou dissimuladamente – o estudo filosófico, na verdade, escasso, da cotidianidade e seu pensamento” (LUKÁCS, 1966: 70).

Sob o capitalismo é potencializado o caráter de rotina e repetição próprios da vida cotidiana. Lukács dirá que nela os motivos predominam na “superfície individual” e se manifesta “uma grande uniformidade do ponto de vista objetivo-estatístico” (LUKÁCS, 1966: 44). Traços de uma “burocratização” e padronização das individualidades desenvolvem-se. O que caracteriza esta nova fase é, em uma palavra, a alienação. O estudo da cotidianidade, portanto, deve apreender estes fenômenos, produtos da contraditoriedade da vida cotidiana, sem cair na romantização própria do pensamento burguês. Ele idealiza o passado ou, de modo oposto (o outro lado da mesma moeda), agarra-se na “ideologia do progresso”, e é incapaz de compreender as contradições do capitalismo.

Lukács, crítico mordaz do anticapitalismo romântico, soube tratar com precisão o velho debate acerca do “progresso”. Apoiar-se na formulação marxiana acerca da integralidade ontológica do homem (e do caráter histórico-social da alienação que solapa, aparentemente, esta integralidade) para notar a importância de uma teoria sobre a cotidianidade e seus fundamentos e da crítica da cotidianidade capitalista. Toma por base a anotação que, em suas *Teorias sobre a Mais-Valia*, Marx faz sobre Ricardo e sobre sua visão de mundo. Ricardo defende enquanto finalidade humana a “produção pela produção”, e nisto sustenta sua apologia ao capitalismo. Se Marx concorda com esta formulação ricardiana, há uma ressalva. Ele lembra que quando falamos em produção a ideia aí contida é a do “desenvolvimento da riqueza da

PROMOÇÃO



APOIO



natureza humana como auto-finalidade”, e que, “o superior desenvolvimento da individualidade tem que pagar-se com um processo histórico no qual se sacrificam os indivíduos” (MARX *apud* LUKÁCS, 1966: 69). Seguindo a trilha de Marx, Lukács, explicando a categoria de estranhamento em sua *Ontologia*, afirma: “o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia –, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana” (LUKÁCS, 2013: 581).

Desde sua “decadência ideológica”¹⁰ a burguesia apresenta dois tipos de respostas ideológicas à ampliação crescente da alienação na vida cotidiana: a apologética da razão miserável (“a defesa burguesa do progresso”) e a fuga irracionalista (“a crítica romântica ao capitalismo”)¹¹ (LUKÁCS, 2010: 55). Esta última é qualificada por Lukács como uma “apologia indireta, a defesa do capitalismo a partir de seus ‘lados maus’” (LUKÁCS, 2010: 56). Se Lukács já se embate, de modo profundo, com o irracionalismo desde sua *Destruição da Razão*, é em sua *Ontologia* que ele assenta “o terreno para uma crítica radical ao neopositivismo – mesmo que a crítica também se dirija às concepções tradicional-idealistas e irracionalistas da ontologia contemporânea (v.g., Heidegger)” (NETTO *in* LUKÁCS, 2012: 16-17).

Para Lukács, o império do “o impessoal”, descrito por Heidegger¹², é “uma tendência importante da manipulação social” do capitalismo monopolista:

¹⁰ Sobre a “decadência ideológica da burguesia”, Cf. LUKÁCS, 2010: 51-103.

¹¹ “Na ideologia burguesa, a contradição do progresso não é entendida pelo que ela é, ou seja, como marca intrínseca de todo e qualquer movimento de avanço da sociedade, mas se petrifica, muito antes, numa única antinomia simplificada, no assentimento mais ou menos incondicional, de um lado, e numa negação essencialmente cabal, de outro. Parece-nos supérfluo apresentar um panorama da história das ideias a esse respeito. Uma das séries vai da época das ilusões do livre comércio até a glorificação do capitalismo moderno, a outra vai, por exemplo, de Schopenhauer até o nihilismo atual, passando por Spengler” (LUKÁCS, 2013: 764).

¹² A ontologia de Heidegger é, segundo Lukács, a complementação orgânica do neopositivismo, é “um alçar ao plano ontológico da condição universalmente manipulada da sociedade na era do capitalismo altamente desenvolvido” (LUKÁCS, 2012: 84). Suas categorias são extraídas desta própria vida imediata, manipulada, e levadas ao patamar de dimensões irrevogáveis da vida humana. Para ele “o impessoal” é concebido como “o símbolo mais abrangente do estranhamento geral, o sujeito mais real da cotidianidade”. Dessa forma, ao expressar “as forças irreversíveis da vida atual” como “forças

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

“O capitalismo quer criar uma ‘opinião pública’ para dominar e regular o mercado de acordo com os interesses do grande incremento da indústria dos bens de consumo e das prestações de serviços que assumiram a forma capitalista; por exemplo, para impulsionar cada vez mais energicamente para cima, aquilo que T. Veblen chamou de consumo de prestígio. Igualmente já vimos que essa tendência age de forma eficaz também na vida política como vontade de dirigir a ‘democracia de massas’” (LUKÁCS, 2012: 91).

Ou seja, a tendência antidemocrática explícita do capitalismo monopolista é encarada por Heidegger de modo aberto, natural, ou mesmo apologético. A única coisa que ele contrapõe a estas tendências é a angústia (LUKÁCS, 2012: 97). Para ele não há nem o “de-onde” nem o “para-onde”, há apenas o caminho do ser para a morte.

Lukács constata que um determinante importante da atualidade é a coexistência entre a “técnica manipulatória” e a “concepção irracionalista” (LUKÁCS, 2012: 104). Para o neopositivismo, “as categorias – ontológicas – da singularidade, da particularidade e da universalidade absolutamente não existem”. Além disso, confunde-se “ser e conhecimento” e, por isso, para tal concepção “a lei estatística não expressa nenhuma determinidade” (LUKÁCS, 2012: 111). Neste contexto,

“o neopositivismo passa então a cumprir a antiga exigência numa nova situação, com novos meios: ele se propõe a limitar o progresso ao que pode ser manipulado em termos estritamente técnicos, conservando a estrutura social que constitui o fundamento da técnica” (LUKÁCS, 2012: 126-127).

Esta incapacidade de responder a partir de um ponto de vista ontológico (seja nas ciências naturais ou nas humanas) aos problemas que se apresentam na atualidade abre o caminho para o avanço da ontologia religiosa, para a “convivência pacífica” entre ciência e religião ou entre o extremo empirismo e o mais chão irracionalismo, em suas diferentes expressões. Estas tendências ideológicas de que estamos tratando têm seu solo na realidade da vida cotidiana manipulada e retornam a ela, reforçando o enfraquecimento do “senso de realidade” na vida dos indivíduos¹³.

supratemporais”, ele estende esta inter-relação a toda a vida cotidiana e, assim, entrega o “ser humano à onipotência de ‘o impessoal’” (LUKÁCS, 2012: 90). É um método que exclui toda gênese histórico-social dos fenômenos.

¹³ “[Trata-se da] perda do senso de realidade da maioria das pessoas que vivem em nossa época em virtude da crescente manipulabilidade de seu cotidiano. Esse senso, muito embora tenha como base

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Estas concepções burguesas se associam ao inédito grau de manipulação da vida cotidiana alcançado no capitalismo monopolista, visto que a “manipulação deixou para trás o estágio das experiências e postulados” e “exerce seu domínio sobre toda a vida, da práxis econômica e política à ciência” (LUKÁCS, 2012: 46). Os neopositivistas levaram a cabo, de maneira inédita, uma espécie de “matematização” da realidade social e uma forma supostamente elegante e eficaz de manipulação dos fatos (LUKÁCS, 2012: 50). A “razão miserável” despreza e nega preliminarmente qualquer possibilidade de revelar a realidade em sua totalidade, deixando um enorme campo aberto para que a religião interprete o mundo à sua maneira. Heller, discorrendo sobre a manipulação técnico-científica das ciências sociais, chega mesmo a indicar que a ciência, por vezes, pode tomar o lugar da própria necessidade religiosa: “a ‘ciência social’ manipuladora-tecnificada não representa mais que a religião de nossa época” (HELLER, 1987: 199).

O neopositivismo, que limita “o progresso ao que pode ser manipulado em termos estritamente técnicos, conservando a estrutura social que constitui o fundamento da técnica” (LUKÁCS, 2012: 126-127), expressa, de fato, uma “tendência geral da época”. Estas expressões da reificação cada vez mais desenvolvidas na vida cotidiana do capitalismo dos monopólios têm seu fundamento nas transformações econômicas vivenciadas na esfera da produção material. O estranhamento, no capitalismo monopolista, alcança o domínio das “mentes” e dos “corações” dos trabalhadores de forma mais intensa que anteriormente e não se restringe à esfera

um crescente afrouxamento das relações dos seres humanos com a realidade, possui conteúdos e direções muito diversas, correspondentes às diferentes questões da vida cotidiana das diferentes pessoas. Pode tratar-se da autossatisfação de dado dirigente bem-sucedido no detalhe, ou da desorientação dos dirigidos que não opõem resistência etc. etc., ao que se agrega inevitavelmente, na imensa maioria dos casos – permanente ou periodicamente – a experiência do vazio desse tipo de operosidade ativa ou passiva. Claro que esta também pode exprimir-se de maneira muito diferenciada, como autocomplacência, fuga por meio de hobbies no tempo livre, tédio ou impulso à revolta, conjugado com a sensação a ela associada de que a revolta é inútil, que está condenada à impotência etc. Em toda essa variedade de reações restam, todavia, dois polos fixos: de um lado, o mundo manipulado; de outro, a irracionalidade das reações negativas a tal mundo. É a missão social para o neopositivismo e o existencialismo que, como tentativas de expressão intelectual da mesma situação sócio-histórica, possuem como predisposição fundamental comum a tendência teórica ao enfraquecimento do senso de realidade” (LUKÁCS, 2012: 113).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

da produção. O panorama do pós-1945, traçado por Lukács, é o da constituição de uma “oniabrangente manipulação”. Amarra-se o homem em sua particularidade de uma maneira bastante refinada a partir “da indústria dos bens de consumo a serviço do grande capital” e do “consumo de massa”, que “cria um aparato ideológico muito extenso, que domina os órgãos da opinião pública”: trata-se do “consumo de prestígio”¹⁴.

A alienação não pode ser dissociada do estágio das relações sociais de produção: o fenômeno da manipulação é a marca da intervenção econômica e política do capitalismo dos monopólios e o seu enfrentamento é fundamental no plano teórico e no plano prático-político. A “manipulação” não deve ser entendida como um fenômeno exclusivamente cultural, ela “surgiu da necessidade de oferecer mercadorias em massa para o consumo a muitos milhões de compradores singulares e, a partir disso, se transformou num poder que solapa toda vida privada” e “se estende a todas as esferas da vida, sobretudo à política” (LUKÁCS, 2013: 341). O consumo das massas trabalhadores aparece agora como uma “aspiração” de elevação do nível de vida; é valorizado positivamente e “novas categorias burguesas”, como o “consumo de prestígio”, penetram na vida dos trabalhadores¹⁵.

¹⁴ “O ponto central de motivação é o consumo de prestígio, que toma forma como meio de criar uma ‘imagem’, como indução a ela; ou seja, a pessoa se veste, fuma, viaja, tem relações sexuais não por causa dessas coisas em si e por si, mas para aparentar no ambiente em que se vive a ‘imagem’ de certo tipo de pessoa que é apreciada enquanto tal. É evidente que, nesse caso, a ‘imagem’ é uma reificação explícita do fazer da própria pessoa, da sua própria condição, do seu próprio ser. Fica igualmente claro que a difusão e o predomínio universais dessas reificações da vida cotidiana fazem do estranhamento uma base tão fundamental da vida cotidiana que contra ela costumam no máximo levantar-se protestos bem abafados (descontentamento com o tédio no tempo livre etc.). Certos acontecimentos às vezes até chegam a provocar reações explosivas, mas justamente esse seu caráter de happening, que permanece puramente no plano imediato, impede uma crítica mais aprofundada, que toque no ponto essencial da reificação e do estranhamento imperantes. Essa oposição crítica pressuporia a ruptura com as concepções de mundo manipuladoras cientificamente dominantes (sobretudo com o neopositivismo); ela teria de voltar-se contra o sistema, contra o império da manipulação (inclusive da democracia manipulada)” (LUKÁCS, 2013: 716-717).

¹⁵ “O consumo vai se transformando, de acordo com a expressão de Veblen, cada vez mais numa questão de prestígio, de ‘imagem’, que o homem conquista ou preserva por meio daquilo que ele demanda para o seu consumo. Portanto, o consumo – analisado em primeiro plano e em escala maciça – não é dirigido tanto pelas reais necessidades, mas mais por aquelas que parecem apropriadas a proporcionar ao homem uma ‘imagem’ favorável para a sua carreira. E visto que, como igualmente já sabemos, esse desenvolvimento está associado a uma redução do tempo de trabalho e com um aumento do tempo livre, essas tendências igualmente se orientam pelas necessidades anteriormente

PROMOÇÃO



APOIO



O produto destas tendências societárias é uma vida cotidiana marcada pelo tédio e, ao mesmo tempo, “pela sede insaciável de sensações”. Por vezes, do ponto de vista do indivíduo, as reações a este mundo extremamente empobrecido de subjetividade levam a “revoltas individualmente imediatas contra o próprio estranhamento pessoal”, mas que, mantidas como revoltas individuais inócuas, ao contrário de impulsionar “uma revolução social”, acabam por conformar uma “ideologia do fastio generalizado” (LUKÁCS, 2013: 803).

No plano político, a emergência desta “manipulação” consolida a separação entre as “formas de dominação capitalista” e a “democracia”. Isso se dá “na medida em que as massas foram excluídas de toda real participação nas decisões econômica ou politicamente importantes” (LUKÁCS, 2013: 779).

Mas a luta revolucionária deve partir necessariamente das questões e da práxis política cotidianas, afinal, “do centro real na práxis cotidiana dos homens faz parte não só o método, como o abordamos (...), mas também a perspectiva que costuma pairar mais ou menos claramente diante dos olhos do homem singular no momento em que toma suas decisões” (LUKÁCS, 2013: 820). A vida cotidiana, portanto, diferentemente do que pensam os ideólogos da manipulação, comporta perspectivas. Em poucas palavras: “a perspectiva também é, antes de tudo, uma categoria da vida cotidiana”. Nela também estão presentes princípios gerais que motivam as decisões humanas. Neste confronto no interior da vida cotidiana podem surgir não só a negação da “manipulação e seus embasamentos teóricos”, como “o anseio por uma democracia não manipulada”¹⁶.

descritas. Portanto, na medida em que o homem subordina o seu fazer e deixar de fazer no cotidiano à produção de sua ‘imagem’, é bem claro que, dessa elevação do nível de vida, deverá surgir um novo estranhamento, um estranhamento sui generis. O salário mais alto substitui o salário mais baixo, o tempo livre mais longo substitui o mais curto. Porém, esse desenvolvimento só aniquila alguns estranhamentos antigos, substituindo-os por uma nova espécie de estranhamentos” (LUKÁCS, 2013: 778).

¹⁶ “Em épocas de transição ideologicamente exacerbadas, que muitas vezes se transformam em preparativos para revoluções, os aspectos positivos e negativos das perspectiva geralmente entram em cena simultaneamente: a perspectiva de uma mudança geral das formas de vida, associada em sua imediatidade espontânea ao bem-estar pessoal, na maioria das vezes constitui, na mesma cotidianidade, também uma negação do estado de coisas vigente (ou de determinadas formas do vigente) e o desejo de novos tipos de um modo de vida modificado” (LUKÁCS, 2013: 821).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



E, através desta crítica prático-política que põe no centro a vida cotidiana, mais uma vez, Lukács identifica a superioridade do marxismo em relação às ideologias da manipulação.

“Assim que uma realidade heterogênea se mostrar no âmbito da manipulação ‘extrapoladoramente’ homogênea, a sabedoria de sua manipulação terá de fracassar tanto na teoria como na prática – pelo menos em muitos casos de grande importância.

Desse modo, aparece o seguinte centro teórico (e que um dia se tornará prático) da própria crise e da saída para ela: a falsa posição dos homens com relação à realidade em consequência do sistema de manipulação e de sua superação. Trata-se de uma característica comum de autênticas revoluções que os posicionamentos com relação à realidade que se converteram em obstáculos à conduta de vida humana adequada sejam ideologicamente destroçados e substituídos por posicionamentos novos e por novas objetivações [*Objektivationen*] correspondentes” (LUKÁCS, 2013: 828-829).

O marxismo, desvencilhado de sua “petrificação” stalinista, pode servir como um importante ponto de apoio teórico para a superação prática do estranhamento, para a criação de uma vida cotidiana não-alienada. Para tal, é necessária a superação da manipulação da vida cotidiana e da ordem social burguesa. Para Lukács, o voltar-se autenticamente contra esta manipulação “abriga dentro de si, como essência, um direcionamento espiritual ou prático para a própria realidade”. Por isso, “o que caracterizará o movimento de libertação da manipulação em todos os âmbitos da vida é o retorno ao próprio ser social enquanto fundamento irrevogável de toda práxis humana, de toda ideia verdadeira” (LUKÁCS, 2013: 830).

CONCLUSÃO

No capitalismo monopolista do século XXI, tendências e contradições apenas embrionariamente analisadas pelos argutos teóricos do século XX foram exponencialmente desenvolvidas. Outras, que nem puderam passar pelo crivo da pesquisa precedente, se afirmaram. Vivemos no mundo da “uberização do trabalho”, do “trabalho digital” e da “indústria 4.0” (ANTUNES, 2020), do “novo proletariado de serviços na era digital” (ANTUNES, 2018) e dos “infoproletários” (ANTUNES e BRAGA, 2009).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Na realidade econômica e social do capitalismo contemporâneo, as estratégias de controle e manipulação do trabalhador pelo capital alcançou níveis impensáveis, seja na esfera diretamente vinculada aos processos de trabalho como em todas as demais dimensões da vida social. A manipulação da vida cotidiana é hoje fato comum, sentido e vivido como um meio inescapável do convívio social.

Por outro lado, toda uma sorte de teorias da conspiração, recusas, escapismos e irracionalismos predominam no debate contemporâneo acerca da manipulação da vida cotidiana, principalmente porque o eixo central dos debates, geralmente, remete exclusivamente às “redes sociais” e às “novas tecnologias de informação e comunicação”. Neste sentido, os fundamentos teóricos desenvolvidos por Lukács em relação ao tema da manipulação da vida cotidiana e sua crítica às abordagens burguesas sobre ele nos fornecem pressupostos fundamentais para o enfrentamento da complexa realidade contemporânea. Em primeiro lugar: o debate da manipulação deve sempre ser pensado na dinâmica econômica que produz e reproduz mercadorias, exploração, mais-valia, e neste mesmo processo, alienação e reificação das relações sociais. Outro ponto importante: a crítica a esta “oniabrangente manipulação”, ao mesmo tempo em que recusa a “ideologia burguesa do progresso”, deve se opor ao anticapitalismo romântico. São alertas preventivos importantes para uma crítica da vida cotidiana do mundo presente que se pretenda ancorada numa perspectiva totalizante e em premissas ontológicas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; BRAGA, R.; NOGUEIRA, A. M. [et al.] (orgs.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ANTUNES, R. (org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. 2ª Ed. SP: Expressão Popular, 2010.

LEFEBVRE, H. **A vida quotidiana no mundo moderno**. Lisboa: Ulisseia, 1969.

LEFEBVRE, H. **Critique of Everyday Life. The One-Volume Edition**. London/New York: Verso, 2014.

LUKÁCS, G. **Estética I**. Barcelona & México, D. F.: Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, G. **Marxismo e Teoria da Literatura**. SP, Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, G. **Para uma Ontologia do Ser Social I**. SP: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. SP: Boitempo, 2013.

NETTO, J. P. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: LECH, 1981.

HELLER, A. **Sociología de la vida cotidiana. Prefacio de György Lukács**. 2ª Ed. Barcelona: Ediciones Península, 1987.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. SP: Paz e Terra, 2008.

PROMOÇÃO



APOIO

